

KELLY, Matthew; BIELBY, Jared (Orgs.). *Information Cultures in the Digital Age: a Festschrift in honor of Rafael Capurro*. Berlim: Springer, 2016.

Gustavo Silva Saldanha¹
Grace Quaresma Fugazza²

A longa viagem de uma filosofia intercultural na e para a era da informação:
vida e pensamento, ser e tempo em Rafael Capurro

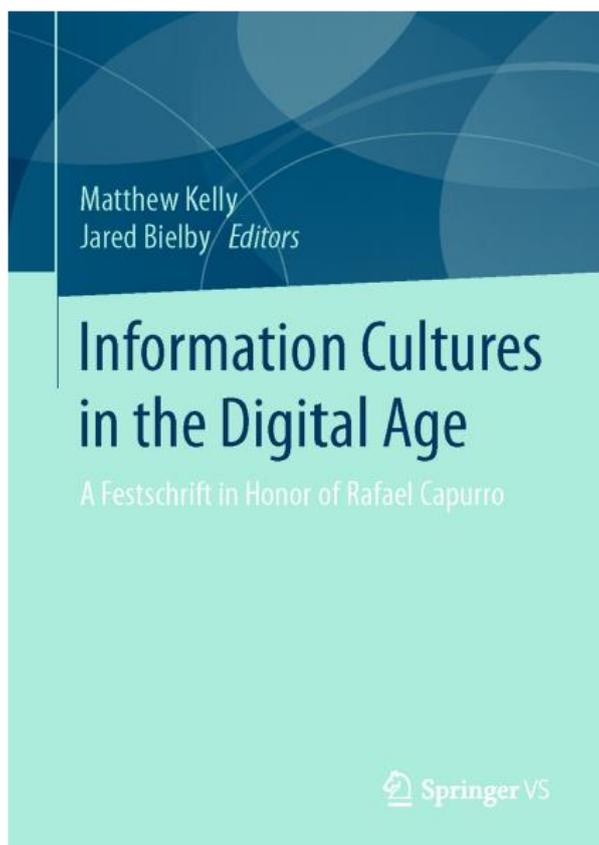


Imagem 1: Capa da obra *Information Cultures in the Digital Age: a Festschrift in Honor of Rafael Capurro*

¹ Pesquisador Adjunto IBICT; Professor Adjunto, UNIRIO. Correo electrônico: gustavosaldanha@ibict.br

² Bacharela em Biblioteconomia, UNIRIO.

A nuvem geral de termos, produzida a partir da totalidade da obra, demonstra como o pensamento de Capurro e de seus intérpretes, leitores e interlocutores, gira em torno daquela que se tornou a palavra-mágica para o nosso tempo, informação. A trajetória de Rafael é, pois, um claro jogo de espelhos com o que há de mais contemporâneo em nossas vidas, o real aí, direto, sem representação, ou seja, em sua apresentabilidade turva.

Encontramos, pois, a partir dela, a palavra informação, um longo debate filosófico, aberto a inabarcáveis questões. É possível afirmar que todos os problemas lançados por uma teoria matemática da comunicação nos anos 1940, sob a influência dos estudos sobre probabilidade de Norbert Wiener, estariam solucionados? Qual o peso contemporâneo de uma abordagem puramente sintática para os estudos informacionais? O dilema do *big data* não coloca em jogo justamente a potência das abordagens probabilísticas contra o “terror” da entropia?

Sabe-se que em 1945, Claude Shannon, após contatos com Alan Turing e leituras de Wiener, apresentava o relatório sobre uma certa teoria matemática para a criptografia, base para a futura publicação, três anos depois, que se tornaria clássica – a chamada *A mathematical theory of communication*. Nesse mesmo ano, nascia Rafael Capurro. Se as questões filosóficas da dimensão informacional ainda permanecem centrais para nossas vidas nesse início de século XXI, curiosamente naquele ano se iniciava a trajetória de vida que viria fundar uma das mais fortes e bem articuladas plataformas para a discussão dos dilemas informacionais.

A caminho da “obra”, 70 anos depois

Dentro do contexto das comemorações dos 70 anos de vida de Rafael Capurro, concluídos em 2015, foi lançado pela *Springer*, no ano seguinte, a partir de um extenso projeto de Matthew Kelly e Jared Bielby, a obra *Information Cultures in the Digital Age: a Festschrift in Honor of Rafael Capurro*. Muito além de uma homenagem a um pesquisador, a obra representa uma era, o *logos* (razão e palavra) de um percurso histórico da sociedade contemporânea.

A dimensão internacional do livro já indica uma variável que nos conta muito (ou tudo) sobre seu conteúdo heterogêneo, vasto, crítico, aberto. O projeto editorial foi organizado por pesquisadores de dois pontos do mundo, Austrália e Canadá. Por sua vez, o centro de toda a rede de abordagens e conceitos que sobressaem da proposta está na travessia intelectual de um filho da América Latina, radicado na Alemanha. Para além da constatação, autores de diversas nacionalidades de todos os continentes compõem a produção textual do presente livro. Em grande medida, essa expressão editorial já demarca o signo de uma interculturalidade, a presença mais do que nítida do espírito de Rafael Capurro em cada recurso gráfico, em cada silêncio das passagens esquecidas em branco pelas páginas que materializam as ideias transcontinentais. A Imagem 2 apresenta o cenário espacial da convergência internacional do pensamento de Capurro manifestada na obra.



Imagem 2. Localização geográfico-institucional dos autores colaboradores da obra *Information Cultures in the Digital Age: a Festschrift in Honor of Rafael Capurro*.
Fonte: Saldanha, Fugazza, 2017.

A diversidade de ideias e de culturas presentes no projeto editorial, espelho da trajetória de Capurro, é reforçada pelas palavras de Thomas J. Froehlich, no prefácio do livro. O pesquisador lança em primeira mão uma posição hierárquica que demarca a relevância de Rafael Capurro para o seu tempo. Mesmo não tendo “inventado” a expressão *information ethics*, pode-se dizer, na visão do professor emérito da *School of Library and Information Science of Kent State University*, nos Estados Unidos, que Capurro é, pela obra e pela trajetória, o pai de tal abordagem – ou, ainda, uma espécie de anjo que nos permite reconhecer os grandes dilemas de nossa história recente. A criação do *International Center for Information Ethics* (ICIE, <http://icie.zkm.de/>), uma das maiores realizações da trajetória intelectual de Capurro, é destacada por Froehlich como um marco em seu interesse e em sua dedicação à “causa” da ética informacional.

Os editores Matthew Kelly, do *Department of Information Studies da Curtin University*, Austrália, e Jared Bielby, mestre pela *University of Alberta*, Canadá, procuram demarcar as grandes categorias conceituais da longa viagem de Rafael Capurro manifestadas na obra, para além da ética intercultural da informação. Trata-se, pois, de um livro sobre informação, um livro sobre um filósofo, um livro sobre o conhecimento. Colocado em outros termos pelos editores, podemos tratar a obra como um livro que se fundamenta entre a filosofia e a informação. Na visão dos editores, é preciso destacar, porém, que essa condição está fundada em uma perspectiva diretamente antropológica. Partindo de uma crítica à visão sintática do projeto informacional de Claude Shannon e Warren Weaver, os coordenadores do *Festschrift* apontam que a natureza do pensamento de Capurro é fundamentalmente interpretativa, dada sua influência advinda da hermenêutica. Essa é a marca de seu pensamento, desde a sua primeira publicação, *La pregunta hermenéutica por el criterio del sentido del lenguaje*, de 1971. É sob essa corrente filosófica que repousa sua filosofia da

informação, apresentada a partir de uma grande teoria da mensagem, a angelética (*angeletics*).

Esse percurso, podemos afirmar, representa a condição de um projeto filosófico-humanista que responde pela longa viagem em direção a uma filosofia intercultural para a era da informação. Nessa viagem, a história e a filosofia de um tempo se confundem com a vida e o pensamento de um sujeito: concebe-se aqui um espelho entre *ser* e *tempo*. Capurro estabelece, de maneira clara, o seu *ser-aí*, sua condicionante da clássica visão filosófica heideggeriana: o ser de Rafael mora na linguagem e sua vivência se direciona para a questão da ética em seu contexto espaço-temporal, reconhecido simplesmente como uma “era informacional”.

Em *Information Cultures in the Digital Age: a Festschrift in Honor of Rafael Capurro* o leitor encontrará uma complexa teia de interpretações sobre abordagens, fontes históricas e filosóficas, conceitos e dilemas sociais lançados pelos acontecimentos no mundo informacional contemporâneo. Todos esses elementos são fontes para o pensamento de Capurro ao longo de décadas de reflexão. Ao final do livro, a obra conta com um índice onomástico e conceitual, fundamental para perceber a amplitude da repercussão e das ideias que são evocadas pelas leituras e interlocuções com a linguagem capurriana.

Na tentativa de organizar a vasta produção bibliográfica de Rafael Capurro, os editores organizaram a obra em grandes domínios, a saber:

- I Cultura e Filosofia da Informação (*Culture and Philosophy of Information*)
- II Ética informacional (*Information Ethics*)
- III Da informação à mensagem (*From Information to Message*)
- IV Temas históricos e semióticos (*Historic and Semiotic Themes*)
- V Resistindo à hegemonia informacional (*Resisting Informational Hegemony*)
- VI Perspectivas: educação informacional (*Futures: Information Education*)

A partir dessa configuração temática, que não estabelece fronteiras exatas entre as incontáveis ideias compartilhadas e discutidas na obra, procuramos seguir, como um leitor diante do espelho de sua “era”, as sinuosas linhas de compreensão e de diálogo do e com o pensamento de Rafael Capurro. Para facilitar a visualização da apropriação de todo olhar capurriano impresso na obra, deixamos ainda, no APÊNDICE desta resenha, um breve cenário das fontes do filósofo consultadas pelos autores para a redação dos capítulos do livro.

Cultura & filosofia da informação; ou *fronts* epistemológicos da Ciência da Informação?

A primeira dimensão categorizada pelos editores como *Culture and Philosophy of Information* talvez seria mais propriamente chamada de “questões epistemológico-metodológicas dos estudos informacionais”. Encontramos aqui trabalhos que dialogam dentro do e para o quadro de discussão de uma *Library and Information Science*. Trata-se de uma leitura clara do “Capurro epistemólogo”, o Rafael dos paradigmas, das reflexões sobre as grandes

correntes e os vastos dilemas de uma teoria do conhecimento que permita discutir o delineamento dos estudos informacionais.

No primeiro capítulo desta parte da obra os autores David Bawden, professor de Ciência da Informação na *City University of London*, Inglaterra, e Lyn Robinson, membro da mesma universidade, adentram o plano epistemológico propriamente dito. O foco está na compreensão dos estudos informacionais e seu desenvolvimento, na relação entre uma super-ciência e a era das mensagens. Existiria de fato ou pode ser constituída uma futura ciência geral da e para a informação? A partir dos conceitos de informação, ontologia digital e hermenêutica digital, concebe-se aqui uma tentativa de resposta a essa profunda questão que se interroga por uma teoria do conhecimento capaz de solucionar os problemas epistêmico-informacionais. São convocados aqui para o diálogo com a obra capurriana filósofos como Karl Popper e Luciano Floridi, na tentativa de uma demarcação epistemológica clara para uma *episteme* capaz de responder por todos os temas lançados pelas questões informacionais contemporâneas.

Uma concepção direta da travessia epistemológica do pensamento de Rafael Capurro tende, a partir da indagação de Bawden & Robinson, a escapar de qualquer processo de “naturalização” e de fundamentação lógica. Essa é a provocação contrária apresentada pelo doutor em química da *University of Wisconsin*, nos Estados Unidos, Joseph E. Brenner. A partir do diálogo entre o pensamento de Capurro e a filosofia da lógica do pensador franco-romeno Stéphane Lupasco, Brenner reinterpreta as leituras heideggerianas realizadas pela teoria da mensagem e propõe uma visão não-reducionista dos processos de naturalização. A provocação de Brenner, presente desde o início de sua reflexão – “Por que é desejável e viável a naturalização do trabalho filosófico de Rafael Capurro?” -, coloca em jogo a questão de uma ontologia digital e a necessidade de se pensar a noção de bem comum a partir das relações informacionais – ou, apenas, *information commons*.

Em grande medida afastando-se da epistemologia e mergulhando diretamente na filosofia, Michael Eldred, filósofo e matemático australiano radicado na Alemanha, aproxima-se do pensamento de Capurro a partir do diálogo com o cibernundo de Turing. Retomando um “longo diálogo” com Rafael, iniciado em 1999, Eldred propõe o desenvolvimento da interpretação da conhecida “máquina universal de Turing” a partir da noção de ontologia digital, elaborada no próprio diálogo do final do século passado. A reflexão reconhece o projeto de Turing como um modelo ontológico primário para a compreensão do mundo artificial hoje. Em outras palavras, a máquina turingiana molda, a partir do seu projeto inicial em 1936, em termos ontológicos, “o próprio ser do computador”. Reconhece-se, aqui, pois, um mundo tomado pelos números, cujos efeitos, também (a princípio) numéricos, escapam à percepção de um só sujeito histórico. Eldred discute a relação conflituosa desse sujeito diante da máquina, preparada durante anos por especialistas para que todos (não-especialistas) se sentissem à vontade dentro dela, fato esse que, ao mesmo tempo, nos coloca absolutamente fora do jogo de definição do cálculo, das direções do projeto matemático que move o cibernundo. Seria, pois, um falso bem-estar na intimidade de nosso próprio corpo. O modo como o tempo e o espaço são transfigurados por esse mundo cibernético concebe uma estrutura chamada por

Eldred de jogos de poder, ou seja, o pátio de recreação de todas as grandes forças de luta passa a se configurar dentro do cenário digital.

Partindo da corrente epistemológica que influenciou diretamente Rafael Capurro, a saber, a hermenêutica, Matthew Kelly se questiona pelo papel da interpretação de dados no contexto contemporâneo. A ontologia digital discutida por Eldred no diálogo com Capurro em 1999 é abordada nessa reflexão a partir da fundamentação hermenêutica do real. Para essa leitura, Kelly demonstra que desde as primeiras ocorrências de seu pensamento, Rafael Capurro desenvolve a perspectiva hermenêutica como uma possível solução segura para os dilemas informacionais. Para realizar sua argumentação, Kelly propõe dois momentos distintos dentro do escopo epistemológico da Ciência da Informação, a hermenêutica aplicada aos estudos informacionais antes e depois da presença do pensamento de Capurro. Desse modo, o trabalho edifica a visão de um *continuum* histórico do pensamento capurriano, à busca pela compreensão de uma informação dada na e para a hermenêutica, bem como a construção de um método hermenêutico-informacional para os estudos informacionais, capaz de apresentar as resoluções para os problemas sociais e info-comunicacionais do mundo.

Dentro do escopo das leituras epistemológicas de Rafael Capurro na e para a constituição crítica de uma Ciência da Informação, Fernanda Ribeiro e Armando Malheiro da Silva, ambos professores na Universidade do Porto, Portugal, propõem uma discussão sobre a maturidade dos paradigmas epistemológicos do campo informacional. A partir da divisão epistemológico-paradigmática de Capurro apresentada em 2003 no Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil, Ribeiro e Silva abordam a categorização que separa o processo histórico-teórico do campo em três grandes marcos, o físico, o cognitivo e o social, em comparação com a proposta desenvolvida pelos próprios autores, que apontava para três momentos, o sincrético, o privativo de liberdade e o pós-custodial. Para o desenvolvimento reflexivo, Ribeiro e Silva aprofundam o espelhamento crítico das visões tendo como aporte uma terceira via, aquela apresentada pelo pesquisador Jose Maria Izquierdo Arroyo. Este último também aponta três linhas de demarcação paradigmática para a definição do processo histórico-teórico do campo, a saber, a fase primeira chamada “zero grau da documentação”, a segunda fase tratada como “a classificação de documentos no espaço físico” e a terceira, orientada para uma “linguística documentária”. O objeto da reflexão de Ribeiro e Silva se dá, pois, no confronto e nas semelhanças entre essas categorizações epistemológicas para o discurso da cientificidade dos estudos informacionais.

Em um movimento diferente do foco epistemológico, Anna Suorsa e Maija-Leena Huotari, ambas da *University of Oulu*, na Finlândia, partem do foco metodológico para problematizar, dentro do escopo fenomenológico, as modalidades de criação de conhecimento em organizações. O diálogo estabelecido com o pensamento de Rafael Capurro está exatamente no ponto de vista da fenomenologia, mais precisamente, nas influências de Heidegger e Gadamer para uma teoria do conhecimento. Estruturando seus argumentos na noção de interação, fundamental para a ética intercultural capurriana e para a angelética, as autoras apontam para o construto fenomenológico de criação do conhecimento em ambientes pré-definidos. Esse construto é abordado segundo

as noções de experiência e evento, como um elemento nuclear para o desenvolvimento social. O percurso da reflexão leva-nos, pois, à revisão de métodos que postularam a criação de conhecimento dentro das organizações, sob um olhar centralmente fenomenológico.

Retomando uma argumentação filosófica, Arun Kumar Tripathi, membro da *Central University of Tibetan Studies de Sarnath*, Varanasi, na Índia, discute o significado e o papel de uma hermenêutica digital para a filosofia da tecnologia. Adentrando a fronteira crítica do discurso de neutralidade de uma problematização maquínica no mundo informacional, o autor intenciona demonstrar como a experiência humana mediadora estabelece as distintas possibilidades de apropriação dos artefatos. Nesse sentido, uma hermenêutica digital estabelece as margens dessa diferença (e a falência do discurso da máquina neutra). Trata-se, pois, de uma reflexão sobre os modos de interpretação e de compreensão das tecnologias contemporâneas. Para a reflexão, o filósofo indiano coloca em diálogo a pós-fenomenologia de Don Ihde e a posição hermenêutica de Rafael Capurro, demonstrando, segundo uma abordagem crítica, que não apenas as Humanidades são filhas de um pressuposto interpretativo do real, mas toda e qualquer ciência se estabelece na prática de interpretação de seus contextos mutantes. Sob o mesmo ponto de vista crítico, Arun Kumar Tripathi aborda o mundo digital como outra espécie de mundo material, ou, dito em outras palavras, uma hermenêutica digital pode ser reconhecida como hermenêutica material, capaz de demonstrar aquilo que está silenciado, invisível.

O dilema no espelho: a ética em face da ética

Em uma leitura crítico-epistemológica, o pensamento de Rafael Capurro pode ser reconhecido a partir de um prisma: a ética na era informacional. A partir dessa forma inicial, encontraríamos os espectros de teorias, de métodos e de conceitos oriundos do movimento capurriano entre palavras, sujeitos e instituições. Essa parte do livro editado por Kelly e Bielby, ou seja, a seção *Information Ethics*, adentra diretamente as faces desse prisma.

Encontramos aqui inicialmente o estudo de John T. F. Burgess, professor da *School of Library and Information Studies*, da *University of Alabama*, dos Estados Unidos. O trabalho procura uma conciliação entre a responsabilidade social e a noção de neutralidade na ética profissional em Ciência da Informação. A proposta é estruturada na abordagem da ética da virtude. Para o autor, a relação entre a ação do profissional da informação e a questão da neutralidade se encontra no coração dos dilemas éticos do campo informacional. Para desenvolver a reflexão sobre o dilema (profissão x neutralidade), Burgess estabelece marcos de construção da ideia de profissionalização e debate o objeto categórico da não-neutralidade, ou seja, a atuação de um bibliotecário se estabelece fundamentalmente a partir de ações parciais, em contextos locais de resolução de problemas. Para o autor, cabe à reflexão ética do campo determinar, pois, a compreensão da Ciência da Informação como uma tecnologia cultural. Enquanto tal, seu foco no plano ético está na constante preocupação em conciliar valores aparentemente contraditórios. As abordagens da “neutralidade das

bibliotecas” e da “responsabilidade social” se chocam, pois, na *práxis* cotidiana do bibliotecário. É aqui que, para Burgess, uma ética da virtude que preconiza a noção de prudência e as visões reconciliatórias em busca da felicidade apresenta-se como caminho coerente para os problemas morais.

Ampliando o escopo da dimensão dos dilemas éticos profissionais em Burgess para o contexto global do trabalho digital, Christian Fuchs, professor na *University of Westminster*, na Inglaterra, orienta sua discussão para o problema do complexo da vigilância industrial no mundo contemporâneo. Com um trabalho que bem poderia se encontrar na seção V do livro, ou seja, em *Resisting Informational Hegemony*, o autor discute o desenvolvimento da computação e da internet, seus distintos domínios, suas linhas de luta e as classificações que estabeleceram marcos para a discussão ética no plano epistemológico, como ética da informação, ética da computação, ética da mídia digital ou ainda da internet. Fuchs propõe integrar esse amplo fórum de fundamentação da ética informacional, tendo como plataforma teórica uma economia política da internet. Para o exercício de seu pensamento, o autor estabelece as bases da formulação ética em Rafael Capurro e Luciano Floridi. Posteriormente, o autor aprofunda a discussão, adentrando no debate sobre as mídias sociais e as relações de vigilância industrial, tendo como objeto empírico o fenômeno das revelações de Edward Snowden. Dessa maneira, dentro do dilema ético de uma economia política, Fuchs questiona as relações de poder, de exploração e de controle na era da informação.

Próximo de Fuchs no plano filosófico, o professor do *Center for Ethics of Science and Technology da Chulalongkorn University* de Bangkok, na Tailândia, Soraj Hongladarom, coloca em cena a questão da universalidade dos valores, problema comum entre distintas culturas. Diante de um mundo globalizado, Hongladarom percebe que esse problema se consolida como um dilema fundado no conflito dos diferentes valores e em sua disputa franca na contemporaneidade. Diante do potencial de circulação intensiva de ideias permitido pelas tecnologias da informação, esses problemas, na visão do autor, se multiplicam exponencialmente. As potenciais soluções indicadas por Hongladarom partem da rejeição inicial de valores tomados como universais ou de valores presumidamente contraditórios. A procura do autor está em tentar compreender como um determinado conjunto de valores serve a determinados objetivos e são possibilitados por desejos definidos nas esferas contingenciais de atuação do sujeito em sua comunidade. Fundamenta-se, nesse ponto, no plano da ética informacional, um olhar que abandona as premissas da verdade, e se pergunta pelo uso das condições dadas pelos dilemas éticos, negando a universalidade e a distinção. A abordagem pragmática de Hongladarom encontra objetivamente as linhas de apropriação pragmatista de Capurro, como aquelas oriundas da segunda fase do pensamento do filósofo Ludwig Wittgenstein. Uma ética intercultural da informação se estabelece, pois, nessa margem da discussão. É exatamente aqui que se encontra, no diálogo entre Hongladarom e Capurro, uma das mais férteis influências de Rafael para a discussão atual de seus debates sobre ética e o mundo informacional. Em diferentes momentos Capurro identificou nessa aproximação a relevância para sua reflexão intercultural dos encontros e dos desencontros no domínio da eticidade.

Na mesma linha de argumentação, a partir de tais debates sobre ética no mundo informacional, porém abordando o plano filosófico em um território diretamente aplicado, Bernd Carsten Stahl, professor do *Centre for Computing and Social Responsibility* da *Montfort University*, da cidade de Leicester, na Inglaterra, desenvolve uma reflexão sobre a possibilidade de uma fundamentação normativa em pesquisa e inovação no contexto das tecnologias da informação e da comunicação. A partir do domínio compreendido como “pesquisa e inovação responsáveis” (*responsible research and innovation*, ou RRI), Stahl propõe o desenvolvimento de uma governança específica para o plano ético de tais ações em ciência e tecnologia, com o objetivo de sustentar o processo de investigação alinhado às necessidades reais da sociedade. A grande questão colocada pelo autor está na demarcação dos fundamentos e das justificativas das intervenções provocadas pelo desenvolvimento da pesquisa e da inovação. O cenário empírico apontado por Stahl identifica a travessia do pensamento e das ações de Rafael Capurro como uma amostra para a reflexão, ou seja, para o estudo da ética nas instituições europeias. Capurro projetou, fundou e criou raízes para o surgimento de instituições dedicadas às reflexões éticas a partir de um diálogo baseado na hermenêutica, o que demonstra a potência de uma *empíria* atual para reflexões como esta desenvolvida por Stahl.

A mensagem que enfrentou a entropia: dentro da filosofia de Capurro

Adentramos, pois, a terceira parte da obra estabelecida por Kelly & Bielby, intitulada *From Information to Message*. Nessa etapa encontramos a fundamentação do pensamento capurriano em sua centralidade teórica, o desenvolvimento de uma reflexão sobre a noção de mensagem. É nesse movimento que se institui a concepção de angelética e a possibilidade não apenas de fundação de uma teoria do conhecimento para compreender o nosso espaço-tempo, mas também de métodos de formalização dos processos de interpretação.

No primeiro capítulo dessa seção, John D. Holgate, diretor da seção de serviços biblioteconômico-informacionais do *St. George Hospital*, em Sydney, na Austrália, discute a noção de mensagem em Rafael (o pintor do Renascimento) a partir da perspectiva da angelética capurriana. Holgate retoma uma visão constituída no diálogo com Capurro, sedimentado na publicação de 2011, chamada *Messages and Messengers*. O argumento inicial é tomar o filósofo como mensageiro. A figura identificada para a discussão é Diágoras de Melo, representado no conhecido quadro de Rafael, “A Escola de Atenas”. O autor procura explicar detalhadamente o paradigma da mensagem (artística) segundo a visão do pintor Rafael. Aponta-se aqui, desta maneira, um ponto de vista radical da mensagem artística, tendo como “amostra” a pintura renascentista. O mensageiro, nessa interpretação, é a representação de uma missão transformadora. Essa proposta radical de compreensão é colocada em diálogo crítico entre o *logos* platônico, a teocracia do Renascimento e a condição contemporânea do *big data* no plano da filosofia da informação. A conclusão de Holgate aponta para uma crítica do precário estágio da cidadania global da chamada era digital em curso.

Fernando Flores Morador, professor de história da ciência da *Lund University*, na Suécia, propõe-se identificar a contribuição de Rafael Capurro com o percurso de esclarecimento dos usos da noção de informação a partir das dimensões conceitual e histórica. Para o autor, a partir da obra de Capurro, encontramos uma das mais rigorosas revisões sobre a questão informacional. Na compreensão da obra capurriana, Flores Morador reconhece os seguintes marcos: a discussão sobre as fronteiras entre objetividade e subjetividade da informação; a diferença entre informação como ordem do universo; a fundamentação da mensagem de fundo hermenêutico e do ato comunicacional a partir da intencionalidade. Para o autor, essa última abordagem é fundamentalmente inovadora, sendo a responsável pela criação de uma disciplina específica, a conhecida angelética capurriana. Relaciona-se aqui uma centralidade do pensamento de Rafael Capurro no escopo da teoria da mensagem, a saber, o modo como essa mensagem produz mudanças no emissor e no receptor. É nítida, pois, a margem onde se encontra o olhar crítico de Flores Morador, isto é, o foco fenomenológico estruturado na noção de intencionalidade, compreendida como o fundamento do ritmo da ação, ou, em uma breve expressão, a determinação capurriana da “informação como a intencionalidade fragmentada”.

Direcionando-se para a trajetória biográfico-filosófica, Gustavo Silva Saldanha, pesquisador do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e professor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, no Brasil, propõe-se examinar os processos históricos que permitem identificar a construção dos principais conceitos de Rafael Capurro, dando ênfase à noção de ética intercultural da informação. Tomando como estrutura da reflexão três dimensões, a saber, uma epistemologia histórica, uma hermenêutica dos estudos informacionais e uma análise pragmática da prática filosófica, a argumentação de Saldanha visa identificar contextos sociais e históricos que permitiram e fomentaram a elaboração conceitual capurriana, como seu nascimento no Uruguai, sua vivência latinoamericana, sua transferência para a Alemanha e o contexto da Guerra Fria. Todas estas variáveis socioculturais são fundamentais para a formalização de uma ética intercultural, ou seja, um modelo moral capaz de enfrentar os dilemas de seu tempo, principalmente no momento de profunda produção do pensamento capurriano, ou seja, na virada dos anos 1980 para a década de 1990.

Uma filosofia da linguagem em evidência histórica nas interlocuções capurrianas

A quarta parte da obra é categorizada pelos editores como *Historic and Semiotic Themes*. Nesse escopo, são reunidos trabalhos dedicados ao debate sobre os grandes conceitos de Capurro ou aqueles fronteiraços a sua obra, além de abordagens históricas que retomam a *tópica* capurriana, principalmente em sua preocupação e em seu rigor na apropriação de conceitos.

O primeiro texto, de Bernd Frohmann, membro da *University of Western Ontario*, dos Estados Unidos, reconhecendo o vasto espaço conceitual aberto pela pesquisa de Rafael Capurro no âmbito das dimensões éticas da

comunicação e da teoria das mensagens, constrói um diálogo entre tais abordagens e o conceito de *general intellect* de Paolo Virno. Para Frohmann, o conceito atua como uma espécie de *topoi* contemporâneo, margem de possibilidade do pensamento e da linguagem. Traçando um diálogo entre Virno e Aristóteles, o autor sugere o papel político do sujeito contemporâneo dentro de uma teoria da mídia. A argumentação de Frohmann perpassa o pensamento sobre a comunicação em teóricos como Claude Shannon, Noam Chomsky, Jacques Lacan e John Durham Peters. Frohmann demonstra a variedade de concepções sobre a comunicação e procura finalizar sua discussão apontado para as conexões centrais entre comunicação e política, com vistas a uma reflexão sobre a liberdade, ou, em suas palavras, sobre as políticas de liberdade.

Por sua vez, Jonathan Furner, professor do *Department of Information Studies* da *University of California*, de Los Angeles, nos Estados Unidos, coloca em destaque a noção de “dado”. Para o professor se, por um lado, os pesquisadores em Ciência da Informação compreenderam a noção de informação como fundacional para o campo, por outra via, outros conceitos são igualmente relevantes, como é o caso de “dado” e “documento”. A reflexão de Furner aponta que, de modo curioso, talvez por sua “simplicidade”, a primeira noção, ou seja, “dado”, não tenha sido explorada devidamente no escopo dos estudos informacionais. Assim como Capurro o fez com as noções de informação e de mensagem, o exercício reflexivo furneriano está, pois, justamente, em uma releitura histórica das interpretações sobre a noção de dado, derrubando alguns pressupostos clássicos, como, por exemplo, as visões que interpretam os documentos como “compostos de dados”. Dentre os pressupostos contestados por Furner estão as interpretações de dado como dádiva, de dado como metadado (ou seja, a visão documentária), a visão teológica de dado como dom divino, a noção de dado como premissa geométrica, e, ainda, dado como premissa matemática, dado como evidência, dado como valores atribuídos, dado como *bits*, e, por fim, dado como diferença. Ao fim dessas revisões, para consolidar a desconstrução das visões ingênuas sobre o dado, o autor coloca em jogo os duplos dado e documento, dado e informação.

Com Joacim Hansson, professor de Biblioteconomia e Ciência da Informação da *Linnaeus University*, em Vaxjo, na Suécia, adentramos o contexto de uma certa “pré-história” da ética no pensamento biblioteconômico, demonstrando a longa tradição do debate ético sobre a questão profissional. Para o autor, em geral, essa tradição se debruça sobre um ponto de vista ético-prescritivo, sendo o foco a relação entre discursos de formalização moral para as práticas biblioteconômicas e suas aplicações. Para a passagem da discussão teórico-histórica, Hansson recorre a uma base empírica, a saber, três documentos (um código ético do início do século XX, um manual do século XVII e uma bula papal do século XV). Através desses documentos, Hansson demonstra como se estabelece, historicamente, um contínuo debate sobre a ética no campo, fundado em pelo menos três grandes aspectos: definições da identidade profissional, declarações de valores fundamentais e determinação de múltiplas obrigações. Em síntese, o percurso histórico-reflexivo de Hansson é reconhecido pelo próprio autor a partir das perspectivas da documentalidade e sua relação com a legitimidade, ou legitimação de ações profissionais.

Em parte, o mesmo argumento histórico sobre a constituição de um movimento ético nos estudos informacionais é abordado por Vesa Suominen, docente do *Department of Information Studies* da *University of Oulu*, da Finlândia. No entanto, Suominen direciona sua abordagem histórica para um panorama filosófico-crítico, que procura desconstruir a fundamentação humanista autoconfiante (e, em muitos casos, arrogante, na visão do autor) da racionalidade orientada para a história da Biblioteconomia e das bibliotecas. Para a argumentação de sua crítica, Suominen recorre à aproximação entre Descartes e Gadamer, reconhecendo as posições opostas da filosofia de cada um. Apesar dessa distância, o autor percebe a existência de um elemento comum, a saber, a condição de uma conceituação excessiva de nossa capacidade de conhecer de forma autoconfiante como base para a arrogância, manifestação essa tipicamente presente nos discursos no campo informacional. A solução apresentada por Suominen está no reconhecimento das limitações da extensão do conhecimento, baseada em uma dialética que se interroga pelo sujeito dentro de sua subjetividade.

A ética da luta: interculturalidade e a dialética da era informacional

A quinta seção da obra, segundo a subdivisão editorial de Kelly & Bielby, é chamada *Resisting Informational Hegemony*. Encontramos aqui quatro trabalhos que colocam em suspeição a construção hegemônica e opressora de uma ontologia informacional. A demarcação epistemológica se estabelece sob a plataforma de uma economia política da informação.

O primeiro capítulo, de Thomas Hausmanninger, professor de ética social cristã na *University of Augsburg*, na Alemanha, reflete sobre o impacto da economia de mercado na internet e sua retaliação, a partir da dialética da ruptura ou da transformação. Retomando os processos histórico-econômicos recentes dos últimos 30 anos, e a demarcação do mundo liberal-neoliberal na esfera global nesse ínterim, Hausmanninger discute criticamente a apropriação da internet pelo mercado internacional nos anos 1990. Isso significa um controle, na visão do professor, das redes sociais por parte da economia global. Para refletir essas condicionantes, Hausmanninger coloca em diálogo a teoria das mensagens de Rafael Capurro, os pontos de vista econômicos de Bernard Mandeville e Adam Smith, bem como a teoria das racionalidades em Jürgen Habermas. Na análise do autor, a economia de mercado funciona conforme uma racionalidade estratégica, com foco na cultura de competição. Por sua vez, uma rede de racionalidades comunicativas constrói culturas de cooperação e individualização, com foco na cooperação. Para Hausmanninger as novas formas de produtividade emergem na rede e no mundo digital, mas entram em choque cultural com a economia de mercado, o que pode, na visão do professor, ser o princípio de uma transformação da própria economia de mercado.

A partir das abordagens abertas e simbólicas lançadas pelo pensamento de Rafael Capurro, Juliet Lodge, professor emérito da *University of Leeds*, da Inglaterra, e Daniel Nagel, membro da mesma instituição, concebem uma visão da tecnologia como potencial de transformação. Adotando as metáforas dos magos e das guerrilhas, os autores se inserem no debate da existência

condicionada pelo contexto digital em todas as direções do espaço-tempo. Questionamentos ético-angeléticos são realizados por Lodge e Nagel, como: onde está a nossa casa (diante do mundo digital)?; existe um código moral e ético relevante para o ciberespaço?; como definir na digitalidade as noções de honestidade, sigilo, abertura, delírio e autoengano? As estratégias de luta e de sobrevivência na guerra impostas pela informação hegemônica são, pois, debatidas pelos autores como fontes alternativas de apropriação e de construção do real na era digital.

Por sua vez, Marco Schneider, pesquisador do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e professor da Universidade Federal Fluminense, do Brasil, constrói um diálogo marxista com a ética intercultural da informação. Para a reflexão, o autor desenvolve o debate com o pensamento de Gramsci, articulando suas ideias com a lenda do Golem e a hegemonia da empresa Google na atualidade. A lenda é adotada para retratar a subordinação da vida diante do trabalho morto, sendo a Google a representante maquinica em nosso espaço-tempo dessa condicionante robótica da ética. Entre a postura conservadora e a condição transformadora da dialética de uma ética intercultural diante do desfecho maquínico-informacional do mundo, dois caminhos crítico-interpretativos são aqui discutidos por Schneider: uma via da sujeição (a informação como manipuladora das massas), uma via da autonomia (a informação como potencial de questionamento e liberdade). Na visão do autor, uma ética intercultural da informação só pode ser desenvolvida se não deixar fora de suas fronteiras os conflitos presentes entre ética, cultura, informação, tecnologia e classe social. Em suas palavras, Schneider convoca, pois, uma ética intercultural-dialética da informação.

Shaked Spier, graduado em Ciência da Informação e Estudos de Gênero pela *Humboldt University*, de Berlim, Alemanha, discute em sua reflexão a relação entre a indústria cultural e a sociedade da informação, a partir das críticas de Adorno e Horkheimer. Sua preocupação está em compreender a sobrecarga informacional da sociedade capitalista. O autor atenta-se para essa racionalidade econômico-política por trás de uma sociedade chamada “da informação”. Nos termos do autor, antes de ser problematizada como “informacional” essa sociedade deve ser reconhecida como capitalista, e todos os seus bens, como informação e artefatos informacionais, são comercializados – nas palavras de Spier, podemos chamar tal “civilização” de *capitalist information society*. Nesse estágio do capitalismo entra em cena a sobrecarga informacional, conceito central para a compreensão da contemporaneidade. Em seu diálogo com Capurro, o autor atenta-se, pois, sob o fundamento hermenêutico, para a necessidade de compreensão do que é a sobrecarga informacional em cada contexto. Por sua vez, Spier chama a atenção para uma militância diante de tal transbordamento, ou seja, em sua visão, resistir à sobrecarga informacional é um ato de resistência ao capitalismo transnacional informacional.

Um mundo informacional por aprender: a caminho de uma “escola informacional”

Chegamos, pois, à última categoria definida pelos organizadores da obra, *Futures: Information Education*. Como indica seu nome, essa parte do livro aponta para as perspectivas que se apropriam do pensamento de Rafael Capurro nos diálogos entre a construção do campo informacional no plano epistemológico e curricular, bem como relacionam as dimensões futuras da historicidade institucional da Ciência da Informação.

O primeiro trabalho debate as questões referentes ao uso ético e legal de informações no contexto universitário. Juan-Carlos Fernández-Molina, do *Departamento de Estudios de Información y Comunicación*, da *Universidad de Granada*, na Espanha, e Enrique Muriel-Torrado, do Departamento de Ciência da Informação, da Universidade Federal de Santa Catarina, no Brasil, questionam o uso de documentos cobertos pelas leis de direito autoral no Brasil, demarcando o conflito de interesses entre a legislação e o acesso ao conhecimento. Em outros termos, para que a prática de aprendizagem possa se desenvolver, faz-se necessário o uso de um conjunto de fontes protegidas por leis referentes à autoria. Os autores problematizam a questão para além dessa contradição, apontando que os discentes são, também eles, produtores, criadores de trabalhos monográficos que são disponibilizados no meio digital. Essa e outras dialéticas da autoria e do acesso são colocadas em debate no texto com foco na necessidade de uma compreensão mais adequada dos direitos autorais. Os autores chamam a atenção aqui para o papel atual das bibliotecas universitárias no debate sobre o uso adequado da informação. Nesse sentido, como forma de contribuir para essa missão, apresenta-se no capítulo um programa de treinamento focado no exame dos padrões de alfabetização informacional, análise dos pontos de interseção entre os direitos autorais e a universidade e, por fim, no ponto de vista dos estudantes.

Procurando compreender a repercussão do pensamento de Rafael Capurro na pesquisa e na formação brasileiras em Ciência da Informação, Lena Vania Pinheiro, pesquisadora do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, revisita os grandes conceitos do filósofo, principalmente as questões inerentes à informação, aos modelos paradigmáticos, à ética, à angelética e à hermenêutica. O estudo apresentado por Pinheiro demonstra o impacto do trabalho de Capurro no Brasil, principalmente no ponto de vista da ética intercultural da informação e no plano epistemológico e histórico da Ciência da Informação. A presença de Rafael Capurro no pensamento brasileiro é, pois, atestada pelos dados dos principais canais de comunicação científica da pesquisa no campo informacional no país, com considerável avanço de tal influência a partir de 2003, quando o filósofo esteve no país apresentando a conferência “Epistemologia da Ciência da Informação”. O trabalho comprova, pois, que tal influência se dá no contexto do escopo da investigação científica e da formação nos estudos informacionais.

No plano específico da formação em Biblioteconomia e Ciência da Informação, Chaim Zins, pesquisador, educador e artista, e Plácida Santos, professora de Ciência da Informação da Universidade do Estado de São Paulo (Unesp), do Brasil, dedicam-se à compreensão da seleção de conteúdos no

contexto da graduação no campo. O trabalho teve como foco o aperfeiçoamento da educação em Biblioteconomia e Ciência da Informação, com vistas à transformação dos currículos e do conteúdo das disciplinas. Adotando a técnica *delphi*, o estudo investigou os principais cientistas brasileiros do campo informacional. Na etapa seguinte, foi realizada uma avaliação de conteúdo, a partir da comparação com 100 programas em todo o mundo. A proposta constituiu um modelo universal que possibilita diretrizes para o desenvolvimento de programas de graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

O derradeiro capítulo da seção e da obra editada por Kelly & Bielby demonstra a grande repercussão de Rafael Capurro na África do Sul. Rachel Fischer, professora da *University of Pretoria*, Johannes Britz, da *University of Wisconsin-Milwaukee*, Estados Unidos, e Coetzee Bester, do *African Center of Excellence for Information Ethics (ACEIE)*, demonstram a relevância da atuação de Capurro para a construção da Rede Africana de Ética da Informação, bem como do Centro Africano de Excelência para a Ética da Informação. Trata-se de uma narrativa sobre a trajetória dos sujeitos e das instituições, bem como dos projetos constituídos a partir dos diálogos. Um dos aspectos centrais da narrativa está na preocupação de Rafael Capurro para a inclusão de um debate sobre as tecnologias de informação e comunicação a partir das necessidades locais no contexto africano. No mesmo escopo são apresentados autores e abordagens advindos da África a partir dos construtos conceituais e institucionais em diálogo. Em outros termos, encontramos nesse trabalho final uma evidência direta da aplicação de uma ética intercultural da informação em sua plena vivência teórica e aplicada.

70 anos de uma filosofia da informação: um tributo à interculturalidade

Rafael Capurro nasce no ano de término de um sangrento conflito mundial e acompanha o processo histórico da ausência de diálogos e de possibilidades utópicas de uma verdadeira paz, fundada na justiça social e no crescimento equilibrado. Sua longa viagem representa a luta contra esse contexto fadado à intolerância que, em dado momento, se choca com um “outro” mundo, um certo espaço-tempo que identifica na internet a promissora e ao mesmo tempo a perigosa ferramenta de formalização de um diálogo universal. Entre esses dois mundos se coloca uma capacidade complexa, crítica, respeitosa e criativa de compreensão da realidade, uma vida dedicada à interculturalidade, a vivência de Capurro.

Hoje, relendo Norbert Wiener e outros clássicos de meados do século passado quando uma certa filosofia da informação anunciava seus primeiros passos, ou seja, retornando aos idos de 1945, o ano de nascimento de Capurro, podemos constatar que diferentes soluções foram formuladas para contribuir com a transformação do pensamento filosófico no plano informacional. De fato, reconheceremos sempre, após as tragédias desse contexto, não existem resoluções sumárias. Não pretendemos, sob a via capurriana, determinar a condição de uma fundamentação derradeira. Não é isso que a filosofia contemporânea busca, crítica que é dos traumas de uma metafísica conceitual

fundada no Ocidente. Não é essa a sugestão final de uma hermenêutica aplicada à era informacional.

Em texto de 2017 (*Intercultural roboethics of a robot age*) de um pensamento que não desiste de interpretar o seu entorno, Capurro nos lembra que o mundo maquínico da robótica não pode jamais ser compreendido de maneira isolada dos nossos conflitos morais. A ética se coloca, pois, como um sistema imunológico simbólico, capaz de regular as tensões interculturais da era informacional. Todas as coisas, como os robôs, se quebram, lembra Rafael. E precisamos cuidar das pessoas diante das grandes rupturas que estão diante de nossos olhos desde meados do século passado.

O nome Rafael Capurro simboliza, pois, uma das mais fiéis representações da história e da filosofia da informação. Seu trabalho e a travessia de sua vida se confundem com essa história, com essa filosofia. É impossível separar o ser e o seu “aí”. Sigamos, pois, o convite do “anjo”: interpretemos a mensagem do outro, antes de defini-la, antes de julgá-la.

APÊNDICE – Gráfico 1. Textos de Rafael Capurro referenciados pelos interlocutores na obra Matthew Kelly; Jared Bielby. (Org.). *Information Cultures in the Digital Age: a Festschrift in honor of Rafael Capurro*. 1 ed. Berlim: Springer, 2016.

